

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## Feminismo Indígena, isso existe? Uma reflexão acerca da existência de feminismos indígenas no Brasil

Natália Pires Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da possibilidade de classificar os movimentos de mulheres indígenas como movimentos feministas, a partir do posicionamento de mulheres indígenas sobre a temática. Para isso, foi levantado inicialmente de forma breve, a gênese do movimento feminista, com o objetivo de refletir sobre a necessidade de pensar a interseccionalidade entre gênero e etnia nos movimentos feministas, em um segundo momento, foi abordado um breve histórico dos movimentos de mulheres indígenas no Brasil e suas principais demandas. Por fim, a partir da fala de companheiras indígenas, terço reflexões acerca da possível classificação dos movimentos de mulheres indígenas como movimentos feministas.

**Palavras-chave:** Feminismo, Mulheres Indígenas, Feminismos Indígenas.

### ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the possibility of classifying indigenous women's movements as feminist movements, based on the position of indigenous women on the theme. For this, it was initially raised briefly, the genesis of the feminist movement, with the objective of reflecting on the need to think about the intersectionality between gender and ethnicity in feminist movements, in a second moment, a brief history of the indigenous women's movements in Brazil and their main demands was addressed. Finally, from the speech of indigenous companions, there are reflections on the possible classification of indigenous women's movements as feminist movements.

**Keywords:** Feminism, Indigenous Women, Indigenous Feminisms.

---

<sup>1</sup> Natália Pires Santos

Graduanda do 8º período do curso de Direito pelo Centro Universitário Dom Bosco – UNDB;

E-mail: [nataliapirees@outlook.com](mailto:nataliapirees@outlook.com).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em organizações de mulheres para demandar direitos de gênero, tende-se a pensar logo em movimentos feministas, contudo, no caso de mulheres indígenas, é passível a reflexão sobre a possibilidade de classificar suas organizações políticas como movimentos feministas, visto que algumas se declaram feministas, outras preferem não aderir ao termo.

Como é sabido, o movimento feminista, surge em países centrais de economias capitalistas, demandando inicialmente questões de mulheres brancas, classe média, aonde estas sofriam fundamentalmente uma exclusão ou opressão que foi interpretada desde o ponto vista sexual ao econômico. Dessa forma, o movimento feminista foi construído dentro desse contexto, excluindo as vivências de outros segmentos de mulheres (PINTO, Alejandra, 2010).

Hoje, muito se questiona quais são as mulheres que o movimento feminista contempla, nessa seara, Ana Manoela Primo Dos Santos Soares, indígena do povo Karipuna do Amapá, afirma que os movimentos de indígenas mulheres, em nível nacional, não se declaram como movimentos feministas, mas como movimentos com valores e memórias matriarcais em que se debate as demandas de gênero, e ainda, que não se diferem da luta contra o extermínio dos povos indígenas (SOARES, 2021).

Nessa perspectiva, o problema de pesquisa do presente trabalho, parte do seguinte questionamento: é possível classificar os movimentos de mulheres indígenas como movimentos feministas?

O objetivo principal do trabalho é abordar a atuação política de mulheres indígenas em contexto nacional, afim de se refletir acerca da possibilidade de classificar os movimentos de mulheres indígenas como movimentos feministas. Para isso, estabeleceu-se como objetivos específicos: discutir brevemente a gênese do movimento feminista, afim de refletir acerca da importância de pensar a interseção entre raça etnia e gênero; descrever o percurso histórico dos movimentos de mulheres indígenas no Brasil e suas principais demandas, contrastando as

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

similaridades e divergências entre os movimentos de mulheres indígenas com os movimentos feministas.

Para fins de pesquisa, neste presente artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica por meio de artigos, livros e sites, tendo como ponto de partida o trabalho realizado por Ana Manoela Primo Dos Santos Soares, mulher indígena do povo Karipuna do Amapá, antropóloga e socióloga, onde está terce reflexões acerca do que seria um feminismo indígena, partindo das oralidades, diálogos, vivências e memórias de suas companheiras indígenas.

## 2 A GÊNESE DO MOVIMENTO FEMINISTA

Para dar início a reflexão aqui suscitada, é necessário tecer primeiramente o que se entende por feminismo, hoje já podemos dizer, movimento (s) feminista (s), no plural, dada as diversas vertentes que surgiram ao longo da história. “O feminismo é mais que um conceito. É um complexo operador ético-político, analítico, crítico e desconstrutivo e serve como lente de aumento que põe foco sobre as relações humanas e sobre os aspectos ocultados nessas relações” (TIBURI, 2018, p. 71).

Em um contexto de opressão as mulheres, vivenciadas em diferentes âmbitos da vida social e privada, surge o movimento feminista, após intensas lutas contra as opressões de gênero. Inicialmente, os feminismos, enquanto movimento político, social e teórico, surgiu nos países centrais de economia capitalista, demandando os direitos civis das mulheres. Essas organizações políticas, que resultou no que hoje chamamos de movimentos feministas, permitiu que a desigualdade de gênero saísse do silêncio que historicamente a caracterizou (NASCIMENTO; MARTINS, 2015).

Como se pode observar, existem hoje diferentes vertentes feministas, ao longo do desenvolvimento do movimento, foram surgindo diversos segmentos teóricos, abrangendo assim demandas de uma pluralidade de mulheres e suas vivências.

Diferentemente da realidade atual, os feminismos estiveram por muitos anos intimamente ligado ao seu contexto de origem, mesmo entre as suas diferentes

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



vertentes, as teorias que embasavam os movimentos estiveram ligadas ao longo de seus desenvolvimentos na história, a correntes de pensamento produzidas no Ocidente, diga-se Europa e EUA, tais como a teoria crítica, a fenomenologia, o estruturalismo, a psicanálise, entre outros (NASCIMENTO; MARTINS, 2015).

Dessa forma, não era possível pensar demandas de mulheres cuja realidade se apresentava sob outros referenciais epistemológicos, assim, somente a mulher ocidental era contemplada pelos movimentos feministas, tantas outras mulheres, como mulheres negras e indígenas tinham suas questões silenciadas e até mesmo excluídas.

Para responder aos questionamentos aqui levantados, é necessário pensar a mulher indígena e suas especificidades, considerando os marcadores sociais que permeiam todos os aspectos de suas vidas, refletir acerca dessas interseções é o ponto de partida para analisar questões indígenas.

O termo interseccionalidade, foi desenvolvido por Crenshaw (2004), síntese, o conceito versa sobre as diferentes categorias sócias que permeiam a vida dos indivíduos, como sexo, gênero, raça, sexualidade, religião, classe, a autora elenca que esses marcadores sócias se intersectam e interagem, gerando assim um sistema de opressão que apresenta diferentes formas de violências.

No tocante as mulheres indígenas, estas interseções se produzem de formas muito específicas, dada as inúmeras diferenças étnicas, assim a abordagem interseccional proposta por perspectivas feministas, exige cuidados analíticos e políticos (DUTRA; MAYORGA, 2019).

Em vistas dessa realidade, se faz importante refletir nas diferentes formas de ser feminista, de pensar e construir os feminismos, pois são muitas as possibilidades, se atentando sempre para as especificidades existentes nas realidades das mulheres, em termos de raça, etnia, classe social e todos os demais marcadores que atravessam a vida das mulheres em sociedade. Ademais, acerca dos movimentos de mulheres indígenas e suas demandas, será abordado mais especificamente na seção seguinte.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 2.1 Os movimentos de mulheres indígenas no Brasil

A organização de mulheres indígenas no Brasil é recente, as duas primeiras organizações brasileiras exclusivas de mulheres indígenas, como sendo a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e a Associação de Mulheres Indígenas do Distrito de Taracuá, Rio Uaupés e Tiguié (AMITRUT), surgiram na década de 1980, ao longo dos anos foram surgindo outras organizações. Em 2002, ocorreu o primeiro encontro de mulheres indígenas amazônicas, um Departamento de Mulheres Indígenas dentro da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira Coiab. Deste, surgiu a União de Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB) em 2009 (Sacchi, 2003; Verdum, 2008).

A participação política das mulheres indígenas nos espaços aumentou muito nas últimas décadas, vale destacar aqui o projeto Voz das Mulheres Indígenas, que foi iniciado por lideranças indígenas mulheres e implementado em 2015 pela ONU Mulheres Brasil em cooperação com a Embaixada da Noruega. O projeto visa o fortalecimento da atuação de mulheres indígenas em espaços públicos de decisões políticas, na defesa de seus interesses e necessidades, para além do espaço territorial de suas comunidades.

O protagonismo de mulheres indígenas na política já é perceptível, suas pautas não se diferem das reivindicações de suas comunidades, como a luta pela demarcação de terra, que é hoje no Brasil a principal luta dos povos indígenas, ao tempo que são protagonistas nessas discussões, demandam também questões de gênero, como violência familiar, acesso a meios que possibilitem a geração de renda, direitos reprodutivos, a participação de mulheres nas esferas públicas, o combate ao racismo, entre outros (Voz das Mulheres Indígenas, 2018; Verdum, 2008).

Vale mencionar também, que dentre as pautas, se reivindica que as políticas públicas sejam formuladas com atenção as especificidades existentes nos diferentes regimes de gênero que vigoram nas comunidades, pois as políticas públicas voltadas

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



aos povos indígenas, em contexto nacional, universalizam esses povos, negligenciam dessa forma as demandas de gênero (Verdum, 2008).

Sônia Guajajara, ao ser questionada sobre o Projeto Voz de Mulheres Indígenas, já citado aqui anteriormente, afirma:

E surpreendentemente, o que que é que a gente traz como prioridade? Enquanto mulher? A garantia do território. Então a pauta nossa pelo território é uma pauta comum para mulheres e homens. Então é só garantindo o território é que a gente consegue se manter enquanto povo, enquanto indígena. Se a gente não tem território, daí não tem a saúde, não tem a educação. Não tem nada mais né. Então é preciso que a gente continue junto nessa luta pelo território. E aí é claro, paralelo a isso, vem todas essas discussões e essas pautas que também são urgentes, que são esses direitos às especificidades das mulheres (2018).

Pela oralidade de Sônia Guajajara, percebe-se que a luta de mulheres indígenas se faz em coletivo, com a comunidade, vez que a pauta principal é ainda a demarcação de seus territórios. É importante mencionar que as mulheres indígenas são as principais vítimas das invasões que ocorrem em suas terras, pois com as invasões vem também a violência aos seus corpos.

Nessa seara, ainda pontuando as falas de Sônia Guajajara, no evento “Março das Originárias da Terra: A mãe do Brasil é indígena” realizada pela Articulação Nacional Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) em março de 2021, Guajajara diz que as mulheres são as sementes e o ventre da Terra, afirma ainda que os territórios são os corpos e espíritos das mulheres indígenas, que são estas a existência sagrada da terra (Mídia Índia Oficial, 2021).

As mulheres indígenas, através de suas organizações políticas, bem como suas práticas cotidianas, estão diversificando a forma de fazer política e pensar o feminismo, trazendo uma nova visão do que se entende hoje por prática feminista, empoderamento, cidadania, construindo assim uma política que dê espaço para todas as mulheres (HERNANDEZ, 2008 apud PINTO, Alejandra, 2010).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Apesar das diversas diferenças entre as mulheres indígenas, datadas pelos marcadores sociais, existem denominadores comuns entre elas. Pode-se dizer, que esses denominadores geram o sentimento de solidariedade que move o fazer política, não apenas entre mulheres indígenas, pois é esse sentimento, oriundo das vivências em comum, que move a ação política entre as mulheres.

2.1.1. Afinal, pode-se classificar os movimentos de mulheres indígenas como movimentos feministas?

Essa reflexão terá como ponto de partida o trabalho realizado por Ana Manoela Primo Dos Santos Soares, mulher indígena do povo Karipuna do Amapá, antropóloga e socióloga, onde está terce reflexões acerca do que seria um feminismo indígena, partindo das oralidades, diálogos, vivências e memórias de suas companheiras indígenas.

Soares (2021) diz acreditar que o fato das mulheres indígenas serem protagonistas em seus movimentos, assumindo posições de liderança, faz com que suas práticas políticas sejam interpretadas como feministas. Diz ainda, perceber que suas parentas não se declaram como feministas, nem mesmo buscam essa classificação, pois entendem que suas ações políticas são organizações de resistência, em elas são as protagonistas, e demandam direitos que se diferem daqueles que os movimentos feministas demandam.

Nas palavras de sua parenta, CORREA Xakriabá (2018):

Os movimentos de mulheres indígenas são movimentos que possuem raízes, troncos, sementes, trajetórias, oralidades e memórias bastante específicas, que diferem daquelas demandas de outros feminismos de origem não indígena, sendo movimentos contra-colonizadores, pintados de jenipapo e urucum (apud SOARES, 2021).

Soares (2021), traz o conceito de “corpos-territórios” de sua parenta CORREA Xakriabá (2018) para falar da íntima relação da luta de mulheres indígenas com a luta

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

pela demarcação de seus territórios, onde está diz que mulheres indígenas representam os diferentes biomas do Brasil, assim, suas lutas não se diferem da luta pela demarcação de terras indígenas, fala ainda da relação da mulher indígena com a terra, essa relação se constrói a partir da noção de ancestralidade, de respeito e cuidado, pois o território não é apenas o lugar de morada do corpo, mas um lugar sagrado, de morada não apenas do corpo, mas da alma, onde são cultivadas as memórias de seus ancestrais. A mulher indígena é a própria terra, por isso o conceito “corpos territórios”.

O gênero, enquanto um marcador social, aproxima esses movimentos, entretanto, as opressões que atingem mulheres indígenas são diferentes das opressões que sofrem mulheres não indígenas. Soares (2021) ao refletir sobre a aproximação dos feminismos com as mulheres indígenas, diz que o que une os movimentos de indígenas mulheres aos feminismos são os debates de gênero; as mobilizações pelas participações nos lugares de enunciação; o empoderamento pelo acesso à formação e informação qualificada; e o combate à violência contra a mulher.

Como já citado anteriormente, os feminismos, durante muito tempo, se mantiveram ligados as teorias produzidas no Ocidente. Dessa forma, não contemplava outros segmentos de mulheres. Assim, pode-se dizer que os pontos de convergência entre os movimentos feministas e os movimentos de mulheres seriam demandas de caráter estrutural, como a violência oriunda do machismo, direitos reprodutivos, saúde, educação, mas existe um limite nesse dialogo, pois, o contexto social, econômico e cultural em que é construído a identidade da mulher indígena, é distinto do contexto em que se constrói a identidade de mulheres não indígenas.

Nos movimentos de indígenas mulheres, se discute a colonização, pois seus corpos, suas tradições e culturas, foram e vem sendo violados desde a invasão do Brasil no século XVI. Logo, não tem como se pensar as demandas indígenas sem pensar nas consequências da colonização. Como afirma Soares (2021), a colonização não foi um episódio que ficou no passado, suas consequências reverberam até hoje, é da colonização que se originou as desigualdades, foi ela quem

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



trouxe o patriarcalismo, o paternalismo e o machismo para dentro dos territórios indígenas.

Percebe-se que existe um diálogo entre os movimentos de mulheres indígenas com os feminismos, mas esse diálogo não define mulheres indígenas como feministas, como bem afirma Soares (2021) "este diálogo não está a nos definir como movimentos feministas. Reconhecemos e fortalecemos as lutas e demandas de nossas aliadas. Mas temos raízes distintas". Ainda, em suas palavras "os movimentos de indígenas mulheres são pintados de jenipapo e urucum e vem antes de quaisquer outros movimentos, sejam estes feministas ou não".

Pela análise de Blanco (2010) é possível delinear algumas características centrais dos movimentos de mulheres indígenas, primeiramente, as críticas ao fato dos feminismos universalizem as mulheres, suas demandas e vivências, sem se atentar aos contextos em que se construí as relações de gênero, por isso a necessidade de se pensar um feminismo atento às diversidades culturais, e aos tantos marcadores sociais que diferenciam as mulheres em diferentes âmbitos da sociedade. Em segundo plano, a íntima relação da luta das mulheres indígenas com a luta geral de seu povo, pois ao lutar por demandas de gênero, mulheres indígenas também lutam pelo reconhecimento de seu povo (apud NASCIMENTO; MARTINS, 2015).

A leitura que fazemos do que foi delineado até o presente momento, é que existe pontos em que os movimentos de indígenas convergem com os feminismos, mas existe um limite muito claro dessa aproximação, o fato de questões de gênero fomentarem a prática política de mulheres indígenas, não as tornas feministas, o conceito nem mesmo é reivindicado por todas elas.

Nas palavras de Sônia Guajajara:

Existe um feminismo indígena, mas do nosso jeito [...] Talvez esse termo não seja mais adequado para nossa realidade. O feminismo soa radical, longe da gente. Mas temos sim buscado protagonismo dentro das aldeias e para fora, nas nossas lutas, procurando visibilidade. Hoje as mulheres têm assumido os principais cargos dos movimentos indígenas estaduais e regionais [...]

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Uma vitória nossa, mas que contou também com o entendimento e os votos de muitos homens para acontecer. Para a gente, esse é o nosso feminismo: se empoderar e assumir o protagonismo. (GUAJAJARA, 2019)

Pelo exposto, vemos que não tem como chegar a uma resposta concreta acerca da existência ou não de feminismos indígenas. Fato é que os movimentos indígenas em contexto nacional, têm dado saltos crescentes nos últimos anos, sendo liderado e protagonizado por elas, onde são demandadas questões de gênero, ao passo que não se distancia da luta coletiva de suas comunidades.

Existem mulheres indígenas que através de uma perspectiva acadêmica buscam reivindicar o termo, mas muitas não reivindicam o ser feminista, nem mesmo um movimento próprio feminista, por entenderem que o termo de não se adequa às suas realidades.

É importante refletir a prática feminista, bem como, quais as mulheres os movimentos feministas contemplam, na busca de construir um feminismo amplo, que se atente a diversidade cultural, mas o questionamento do presente trabalho, somente mulheres indígenas poderão responder.

### 3 CONCLUSÃO

É fato, que o feminismo se transformou em feminismo (s), que diferentemente de seus anos iniciais, hoje diversas mulheres são contempladas pela prática feminista, mas fato é também, que ainda não contempla plenamente todas as mulheres.

O presente trabalho não teve como intenção responder se existe ou não feminismos indígenas, mas refletir acerca da questão, a partir da fala de companheiras indígenas, bem como refletir sobre a necessidade de construir um feminismo atento a diversidade cultural.

A ação política dessas mulheres, faz surgir o questionamento por mulheres não indígenas, se seriam essa prática, uma prática feminista, assim, surge a necessidade

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

de refletir acerca das narrativas adotadas por mulheres indígenas, de suas perspectivas enquanto mulheres emergindo nos espaços públicos pela demanda de seus direitos.

Acredito ser esse o papel dos movimentos feministas, ouvir outras mulheres, o que tem elas a dizer e o que reivindicam, só assim é possível construir um novo feminismo, afinal, apesar das tantas diferenças entre nós mulheres, existe o gênero enquanto marcador social que une todas nós.

Por fim, digo que fica a encargo de mulheres indígenas dar um sentido ao conceito de feminismo, bem como o que o se entende por ser feminista, pois ninguém além delas mesmas poderia responder a essa pergunta.

## REFERÊNCIAS

CRENSHAW, K. W. 2004. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher – Unifem, Cruzamento: Raça e gênero (pp. 7-19). Brasília, DF: o autor.

Dutra, J. C. O. MAYORGA, C. **Mulheres indígenas em movimento**. Psicologia: Ciência e Profissão. 2019 v. 39 (n.spe). 221693, 113-129. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221693>. Acesso em: 20, jun, 2023.

GUAJAJARA S. abril, 2018. **Povos indígenas, corpos e ideias para transformar a política (Palestra)**. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado de <https://www.facebook.com/GuajajaraSonia/videos/1789436047782709/>.

GUAJAJARA, Sonia. 2017. **“Nós não somos as guardiãs da natureza, somos a natureza”**. #AgoraÉQueSãoElas. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br>. Acesso em: 20, jun, 2023.

MÍDIA ÍNDIA OFICIAL. 2021. **Março das Originárias da Terra: A mãe do Brasil é indígena**. Youtube, 08 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nhEL3oMe3sY&t=1554s>. Acesso em: 22, jun, 2023.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



NASCIMENTO, P. da S; MARTINS, A. R. M. **A luta das mulheres no México e a perspectiva de um feminismo indígena: o caso das mulheres indígenas zapatistas.** Revista *Ártemis*, [S. l.], v. 19, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/26200>. Acesso em: 15, jun. 2023.

PINTO, Alejandra Aguilar. **FAZENDO GÊNERO 9, DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS.** 23 a 26 de agosto de 2010. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=12](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=12). Acesso em 20, jun, 2023.

SACCHI, A. 2003. **Mulheres indígenas e participação política: A discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas.** Revista *Antropológicas*, 14(1-2), 95-110.

SOARES, A. M. P. dos S. **Mulheres Originárias: Reflexões com movimentos de indígenas mulheres sobre as existências e inexistências de feminismos indígenas.** *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 30, n. 2, p. e190396, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v30i2pe190396. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/190396>. Acesso em: 15, jun. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** Editora Record, 2018. p. 71.

VERDUM, R. 2008. **Mulheres indígenas, direitos e políticas públicas.** Brasília, DF: Instituto de Estudos Socioeconômicos.

Voz das Mulheres Indígenas. (2018). **Pauta nacional das mulheres indígenas (Cartilha).** Brasília, DF: ONU Mulheres Brasil. Recuperado de <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2018/06/PAUTA-Mulheres-indigenas-1.pdf>

PROMOÇÃO



APOIO

